

---

---

*PARTE III*

## Estudios

# Os *Bene Israel* e as comunidades judaicas de Cochim e de Bagdade

## Avaliação de uma antiga presença judaica em solo indiano

---

*Apesar dos  
sentimentos antijudaicos  
da Coroa e, mormente,  
de muitos membros  
da Inquisição Portuguesa,  
a sociedade portuguesa  
e luso-indiana,  
ou seja, os residentes  
no seu quotidiano,  
têm sempre tido  
uma boa predisposição  
perante o elemento  
judaico indiano.*

*The Portuguese came to India with a sword in one  
hand and a cross in the other<sup>1</sup>*

Entre os Judeus das comunidades *diaspóricas* espalhadas pelo orbe inteiro, os Judeus do subcontinente indiano, apesar da sua antiguidade e fascínio, talvez sejam aqueles que foram menos estudados, e não por falta de documentação. Diferentemente dos seus correligionários desterrados em quase todos os continentes, os judeus indianos nunca foram vítimas de extremas perseguições e, mormente, de expulsões e/ou forçadas conversões a uma outra religião, como na Europa cristã e nas suas possessões ultramarinas. De facto, ao longo dos séculos – desde as primeiras diásporas judaicas até ao fim do século XIX – também sob o domínio muçulmano, muitos judeus, indianos e estrangeiros, encontraram-se em posições de prestígio ou de proeminência político-social:

*India is perhaps the only country in the world  
in which, through long centuries Jews have dwelt  
in complete security and have been accorded  
an honorable place in the social structure of the  
land.<sup>2</sup>*

Lendas, mitos, tradições orais e folclore popular aludem a uma presença judaica em solo indiano durante o

---

**Joseph Abraham Levi**  
Rhode Island College

---

<sup>1</sup>S.S. Koder. *History of the Jews of Kerala*. Cohn, 1974. 7.

<sup>2</sup>Benjamin J. Israel. *The Jews of India*. Nova Deli: Centre for Jewish and Inter-Faith Studies, Jewish Welfare Association, 1982. 51.

reinado do Rei Salomão (c. 970 - c. 933 c. antes a Era Vulgar) ou, nove séculos mais tarde, após o período da destruição do Segundo Templo de Jerusalém, ocorrida no ano 70 da Era Vulgar<sup>3</sup>, quando os Judeus residentes na Galileia e na Judeia foram destruídos. Na Bíblia a única referência à Índia é indirecta: o subcontinente indiano é de facto usado como limite ao domínio do Rei Assuero, que ia de *Hoddu* a *Kush*, nomeadamente, da Índia à Etiópia, este último termo a significar uma vasta área geográfica da África Oriental, do Sudão meridional ao Quênia de hoje:

*Foi no tempo de Assuero, aquele que reinou desde a Índia até à Etiópia, sobre cento e vinte e sete províncias. [...] Foram então chamados os secretários do rei, no dia vinte e três do terceiro mês, que é o mês de Sivan. E eles, conforme as instruções de Mardoqueu, escreveram aos judeus, aos sátrapas, aos governadores e aos chefes das cento e vinte e sete províncias situadas entre a Índia e a Etiópia, a cada província na sua escrita, a cada nação na sua própria língua, e aos judeus na sua própria escrita e língua<sup>4</sup>.*

Mais tarde, a Índia ressurgiu em textos apócrifos, nomeadamente no I Livro dos Macabeus (c. 100-60 antes da Era Vulgar) e no Livro dos Jubileus<sup>5</sup>. Documentos judeu-árabes encontrados na *Genizah*<sup>6</sup> do Cairo atestam que durante os séculos X-XII existia uma rede comercial entre as comunidades judaicas a residirem no sul da Europa, no Magrebe, no Egipto e em Adém e a Costa Ocidental da Índia, sobretudo o litoral do sudoeste. Além disso, há menção de comunidades *diaspóricas* judias a transacionarem na Índia, principalmente à procura de negócios e movimentos comerciais lucrativos. Se bem que isto seja historicamente comprovado, é muito provável que os liames tenham sido temporários e/ou irregulares.

As primeiras referências históricas sobre a presença judaica na Índia são algumas inscrições em cobre que contêm os privilégios concedidos a Joseph Rabban, rabi mor da grande comunidade judaica de Cranganore, perto de Cochim, na Costa do Malabar. Estas concessões provinham do governador de Malabar e, com muita probabilidade, foram decretadas entre o fim do século X e o início do século XI, nomeadamente, entre

<sup>3</sup> Com a destruição do Segundo Templo de Jerusalém o Imperador Tito, *Titus Flavius Vespasianus* (79-81 da Era Vulgar), pôe fim à unidade política do Povo de Israel, o qual se encontra estrangido a espalhar-se pelo mundo de então em busca de uma nova pátria, temporária, dando assim começo à primeira diáspora judaica em senso lato. Os Hebreus, agora fisicamente separados, encontram-se espiritualmente unidos pela sua fé que é ao mesmo tempo religião, tradição, lei, folclore étnico e, mormente, um modo de vida, uma esperança para o futuro.

<sup>4</sup> Livro de Ester 1: 1; 8: 9. *Kush*, com o significado originário de Etiópia, era o termo genérico para designar ora a inteiro continente africano, ora a África sul-sariana, sobretudo a área ao sul do Sudão oriental. *Hoddu*, ao invés, é uma palavra de óbvia origem sânscrita a qual tem o seu correspondente no Pálavi (iraniano arcaico) Hindu, daí a origem de Hindu, Hindi e Índia. O Rei Assuero da Pérsia, também conhecido pelo nome de Xerxes II, este último dado-lhe pelos Gregos, reinou entre o 404 e o 358 antes da Era Vulgar. No Livro de Ester o rei é, porém, denominado Ahasuerus. Alguns séculos depois os Persas chamá-lo-ão Ardasir.

<sup>5</sup> Em hebraico *Ganaz* — com o sentido primário de guardar ou ocultar — denota a acção pela qual se excluía alguns textos da Bíblia Hebraica. As razões por esta exclusão residiam: no extremo mistério em torno do dito texto; no seu conteúdo místico e, portanto, incompreensível; e, mormente, nas possíveis heresias incluídas. Em Grego *Ganaz* foi traduzido como *Apokryphoi*, ou seja, livros segredos ou escondidos.

<sup>6</sup> *Genizah*, literalmente esconderijo, refere-se a um dos quartos da sinagoga destinado ao armazenamento de qualquer pedaço de papel no qual se encontre escrito um segmento das sagradas escrituras, dado que segundo a lei judaica nenhum fragmento escrito que contenha as palavras de Deus pode ser destruído. A mais famosa *genizah* foi descoberta no fim do século XI, no Cairo, a qual continha milhares de manuscritos e textos.

o 970 e o 1035. Além desta referência há vários túmulos e/ou inscrições sepulcrais, uma que data de 1269, assim como epígrafes provenientes de antigas sinagogas, a atestar uma presença judaica ao longo da costa ocidental indiana entre o século X e os séculos XIII-XV.<sup>7</sup>

A partir do século XII viajantes, comerciantes, homens de negócios, cientistas e geógrafos – Cristãos, Judeus e Muçulmanos – provenientes da Europa, do Magrebe e do Médio Oriente, começaram a incluir a Costa do Malabar nos seus relatos. Entre os mais famosos encontramos Al-Idrisi (c. 1156), Benjamim de Tudela (c. 1140), Al-Qazwini (c. 1280), Marco Polo (1254-1324), Padre Giovanni da Montecorvino (c. 1305), Al-Dimashqi (c. 1320) e o famoso Ibn Battuta (c. 1304-c. 1377). O comum denominador entre as suas variadas anotações sobre esta zona da Índia é o facto de a Costa do Malabar se encontrar com inúmeras comunidades judaicas espalhadas do norte para o sul, tendo como centro Shinkali, a hodierna Cranganore, da qual surgirão as futuras comunidades de Calcutá, Chennamangalam, Cochim, Ernakulam e Parur.

Durante o período muçulmano, que teve início com a ocupação do Penjabe pelo Sultão Gaznawi Mahmud (998-1030)<sup>8</sup> e que terminou em 1858 com a presença inglesa, os judeus indianos conseguiram viver num estado de completa harmonia e cooperação com as autoridades. Se bem que não faltassem episódios de intolerância ou de discriminação, aliás muito esporádicos, o islamismo indiano, assim como o Islão normativo professado em qualquer outra zona do mundo de então, nunca foi intolerante perante os elementos judaico e cristão a viverem no seio da comunidade de maioria muçulmana, pelo menos até quase ao fim do século XIX. Um dos raros casos de intolerância religiosa, muito seguramente brotado pelo desejo de apoderar-se do comércio lucrativo das especiarias, este último em mãos judias, foi a agressão muçulmana à comunidade israelita de Cranganore, com a ajuda militar do Samorim, ou seja, o rajá do Malabar:

*In 1524 on the pretext that the Jews were tampering with the spice trade, the moors with the Zamorin's help destroyed their houses and Synagogues. The destruction was so complete that when the Portuguese arrived in Cranganore in the beginning of the 16<sup>th</sup> Century, they found only a few destitute Jews there. Due to the devastation by fire and sword, the Jews finally deserted Anjuvannam in 1565 and fled to Cochim and placed themselves under the protection of Kesava Rama Varma, the most celebrated Ruler of the Portuguese period (1565-1601).<sup>9</sup>*

Em Setembro de 1498, com a chegada da primeira expedição naval portuguesa às águas indianas, Vasco da Gama e, através dele, o Império Português, entraram pela

<sup>7</sup>Veja-se, por exemplo: Matthew D. Slater. «Jews of Cochim» *Judaism* 24 (1975): 482-494.

<sup>8</sup>Os Guris (1192-1398), sucessores dos Gaznawis, invadiram o Norte da Península Indiana e fundaram o Sultanato de Deli o qual, sob diferentes dinastias, chegou a dominar o Centro e o Sul do país. Em 1398 Tamerlão saqueou Deli. Mais tarde, por volta do 1518, o seu sucessor, Babur, invadiu a Índia, fundando o Império Mogol. Porém, o seu neto, Akbar, foi aquele que deu um carácter mais autóctone ao Islão na Índia (1556-1605). Em 1640 os Ingleses fundaram Madrasta, centro da Companhia Comercial Britânica das Índias Orientais (1600-1858). Em 1833 os Ingleses fundaram o Governo-Geral da Índia e, com a anexação de Rangum e da Baixa Birmânia (1852), o domínio inglês nesta região tornou-se oficialmente numa possessão colonial até à independência da Índia e do Paquistão (1947) e à entrada no *Commonwealth* Britânico em 1950. Em 1857 a Companhia Comercial Britânica das Índias foi extinta e, o ano seguinte, o governador foi convertido em vice-rei. Em 1877 a Rainha Vitória foi coroada Imperatriz da Índia.

<sup>9</sup>S. S. Koder. *History of the Jews of Kerala*, 6.

primeira vez em contacto com um judeu em solo indiano. Tratava-se de Yusuf 'Adil, residente de Anjediva, perto de Goa, a exercer as funções de emissário especial enviado pelo soberano muçulmano de Goa. O alvo da sua missão era espiar as acções dos Portugueses ao longo da Costa Ocidental da Índia. Infelizmente, porém, Yusuf foi capturado pelos Portugueses e enviado ao Reino, onde foi convertido ao Catolicismo, adoptando o nome de Gaspar da Gama, também noto por Gaspar de Almeida ou até pela alcunha de Gaspar das Índias. Yusuf era um *ashquenazi* cujos pais fugiram da actual Polónia durante a segunda metade do século XV<sup>10</sup>.

Muitos Sefarditas das Diásporas, judeus a professar abertamente a sua fé ou, como muito mais frequentemente, cristãos-novos a professar algumas práticas do Judaísmo às escondidas, chegaram à Índia Portuguesa através dos enclaves de Ormuz e/ou Malaca.<sup>11</sup> Dado o número elevado de Judeus e judaizantes em solo português-indiano, as autoridades eclesiásticas em Goa<sup>12</sup> pediram ao Vice-Rei e este último ao seu superior, D. Manuel I (1495-1521), que a Coroa Portuguesa autorizasse o estabelecimento da Inquisição na Índia Portuguesa.

Em 1513, antes da sua demissão de 1515, o governador e vice-rei Afonso de Albuquerque (1509-1515) escreveu uma carta a El-Rei D. Manuel I (1495-1521) na qual expusera a lamentável situação face à questão judaica, ou seja, o sempre crescente número de Sefarditas, quer de origem espanhola quer portuguesa, a entrar no Estado da Índia, daí a necessidade, segundo o governador, de extirpá-los<sup>13</sup>. Isto era em directa oposição à sua atitude perante as populações locais de origem hindu, as quais, através de uma política de casamentos mistos e de inúmeras concessões à liberdade de culto, poderiam, com o tempo, assim se esperava, converter-se ao Catolicismo e, ao mesmo tempo, ajudar no total enraizamento da presença portuguesa na Índia.

Em 1516, constringido pelo clero, pela nobreza e pelo sentimento comum da nação, D. Manuel I foi novamente posto defronte à questão judaica, ou seja, resolver o problema dos judaizantes e das práticas secretas do Judaísmo. O monarca português foi assim forçado a pedir a Leão X (1513-1521) para estabelecer a Inquisição em Portugal. Contudo, foi só durante os seus respectivos sucessores – D. João III (1521-1557)

<sup>10</sup> Desde a I Cruzada (1096-1099) a Europa Oriental tornou-se num receptáculo habitual de migrações para muitos *Ashquenazim*, sobretudo de língua/etnia alemã. Nesta vasta área geográfica os *Ashquenazim* encontraram amparo, longe das perseguições que sofreram na Hungria, Boémia e Morávia. Nestes territórios muitos Judeus eram forçados a trabalharem em condições de quase-escravidão para assim ajudar a economia e o comércio locais. Contudo, a partir do fim do século XIV até à segunda metade do século XV, estes países ou regiões político-geográficas da Europa do Leste, como por exemplo a Polónia de hoje, começaram a mostrar sinais de muita intolerância religiosa para com o elemento judaico a morar no seu meio. Durante o século XII a Polónia tinha aberto as suas portas às imigrações *ashquenazim* de língua/etnia alemã. As migrações continuaram e durante o século XIV, quando a Polónia foi finalmente unificada, os *Ashquenazim* de origem alemã já possuíam do beneplácito da coroa polaca. Para mais informações veja-se, entre outros: Elena Romero Castelló e Uriel Macías Kapón. *The Jews and Europe. 2000 Years of History*. 1994. Edison, N.J.: Chartwell Books, 2000. 70-71.

<sup>11</sup> Situada numa posição muito estratégica, no estreito do mesmo nome, Ormuz foi conquistada por Afonso de Albuquerque em 1507 e, depois de uma perda temporária, foi novamente reconquistada em 1515. Entre esta data e o 1622, ano em que foi tomada pelas forças inglesas e persas, Ormuz tornou-se num dos pontos nevrálgicos da presença portuguesa no Oceano Índico. Depois de uma tentativa pacífica de fixação portuguesa em Malaca, empreendida por Diogo Lopes de Sequeira em 1509, em 1511 Afonso de Albuquerque conseguiu conquistar esta cidade na península do sueste asiático, que em breve tempo se tornou numa das praças mais importantes do Império Português do Oriente. Em 1641 Malaca foi tomada pelos Holandeses.

<sup>12</sup> Em 1510 Goa foi nomeada capital do Estado da Índia.

<sup>13</sup> Veja-se: S.S. Koder. «The Jews of Malabar.» *India and Israel* 5 (1951).

e Clemente VII (1523-1534) — que a Inquisição foi autorizada a exercitar as suas funções em Portugal e em todas as suas possessões ultramarinas, particularmente na Índia Portuguesa (1560-1820). Em 1536, a Inquisição Portuguesa foi de facto instituída em Portugal, mesmo se só em 1547 começou a exercer todas as suas forças repressivas com o seu derradeiro alvo de enraizar quaisquer vestígios de Judaísmo do solo português<sup>14</sup>. Já em 1543, Francisco Xavier, S.J., (1506-1552) e outros clérigos europeus se afadigaram para o estabelecimento da Inquisição em Goa, a qual foi finalmente instituída em 1560. Entre as vítimas da Inquisição Indiana encontravam-se muitos membros da família do famoso médico e naturalista Garcia de Orta (c. 1500-1568).<sup>15</sup> Entre 1575-1594 Abraão Coje, não obstante a sua aberta adesão ao Judaísmo, encontrou-se numa posição de alto prestígio e poder, sendo protegido pelos mesmos vice-reis.

Sob o domínio holandês (1663-1795) os Judeus a residirem ao longo da Costa do Malabar, sobretudo em Cochim, gozaram da protecção dos vários rajás os quais sempre os auxiliaram e, mormente, lhes garantiam liberdade de culto e plena autonomia, ambas administradas pelo *mudaliar*. Graças a esta prosperidade muitos Sefarditas e cristãos-novos *diaspóricos* chegaram à Costa do Malabar aumentando, assim, o número da população israelita. Além dos desterrados ibéricos, chegaram minorias judaicas originárias da Europa do Leste, de língua e etnia *ashquenazi*, assim como do Magrebe, da Pérsia e das demais províncias e regiões médio-orientais sob domínio otomano, nomeadamente: a Palestina, a Síria, Israel e o Iraque de hoje. Muitos destes recém-chegados judeus das Diásporas contribuíram à formação da futura casta dos Judeus Pretos, outrora alcunhada de *Malabari*.

Sempre sob o domínio holandês os Judeus da Costa do Malabar mantiveram um estrito liame com as comunidades Sefarditas de Amesterdão, sobretudo durante e após as visitas do português Moisés Pereira de Paiva aos Judeus de Cochim<sup>16</sup>. Graças a estes contínuos contactos com o judaísmo europeu, durante o período de ocupação holandesa, então, Cochim tornou-se no epicentro de cultura judaica. Antes de o século XVI terminar, os mercadores judeus da Costa do Malabar começaram a subir até ao norte do subcontinente indiano, neste período ainda sob posse muçulmana, nomeadamente a dinastia turcomana do Grão-Mogol (1526-1857). Já durante o reinado do Imperador Akbar (1556-1605),<sup>17</sup> existiam comunidades judaicas e sinagogas em Agra, Caxemira, Fathpur-Sikri, Lahore e Nova Deli, todas sob protecção imperial. A maioria destes judeus, ao invés, era originária do Irão, sobretudo do Khorasan, ou seja, a região fronteiriça com os hodiernos Afeganistão e Turquemenistão.

<sup>14</sup> Além de Lisboa, a Inquisição Portuguesa tinha sucursais em Évora, Coimbra, Porto, Lamego e Tomar. No Brasil, ao invés, mesmo se as condições não fossem ideais, a Judeus e Marranos ora era-lhes interdito o ingresso no(s) território(s), ora eram-lhes abertas as portas, tacitamente, sobretudo por necessidades económicas. Dado que oficialmente no Brasil a Inquisição Portuguesa (1536-1773) nunca foi instituída, os réus ou aqueles suspeitos de práticas heréticas, ou seja, judaizantes, se e quando eram presos, eram prontamente enviados à Metrópole para serem devidamente julgados e justicados pelo Tribunal do Santo Ofício da Inquisição. Veja-se Jacob Rader Marcus. *Early American Jewry*. 1955-1961. 2 vols. Nova Iorque: Ktav, 1975. 1: 20.

<sup>15</sup> Na Índia desde 1534 — chegando a ser médico de Martim Afonso de Sousa (1500-1571), governador entre 1542 e 1546 —, Garcia de Orta tornar-se-á famoso na história da medicina, farmacopeia e botânica com os *Colóquios dos Simples e Drogas e Coisas Mediciniais da Índia*, completado em 1563.

<sup>16</sup> Veja-se: Moisés Pereira de Paiva. *Notícias dos Judeus de Cochim*. Amesterdão. 1686.

<sup>17</sup> Filho de Humayun (1530-1556) e neto de Zahir al-Din Muhammad Babur (1526-1530), fundador da dinastia mongol na Índia, ambos religiosos porém tolerantes face às outras religiões em solo indiano.

Com o estabelecimento da Companhia Comercial Britânica das Índias Orientais (1600-1858)<sup>18</sup> os judeus indianos encontraram-se em posições de prestígio e poder, muitas vezes sendo os únicos liames entre a administração britânica e as várias cidades-estados indianas, nomeadamente: Bengál, Bombaim, Fort Saint George, ou seja, a futura Madrasta e Surat. O português Abraham Navarro da comunidade sefardita londrina foi uma das primeiras figuras proeminentes do judaísmo ao serviço das autoridades britânicas em solo indiano. Em 1689 Navarro foi de facto enviado como embaixador britânico junto à corte do Imperador Aurangzeb (1658-1707), famoso pelo seu desejo de islamizar o império mongol em Índia. Os judeus ingleses de origem portuguesa serão instrumentais no estabelecimento e subsequente expansão do comércio em diamantes e pedras preciosas em Fort Saint George. O 1683 marca o início das primeiras presenças sefarditas de origem portuguesa nesta cidade. Em breve tempo a futura Madrasta tornou-se numa verdadeira praça comercial dominada pelo judeo-portugueses londrinos, entre os quais ressaltam: Isaac Abendana, Álvaro de Fonseca, Domingo do Porto, Jaime de Paiva e Bartolomeu Rodriguez. As inscrições tumbais no cemitério judaico de Madrasta, esculpidas em Hebraico, Inglês e Português são testemunhas desta presença. A partir de 1686 Surat tornou a ser um dos sítios predilectos por sefarditas holandeses em busca de um lugar seguro para entabular relações comerciais, sobretudo na compra-venda de diamantes e pérolas preciosas. Entre os mercantes judeu-portugueses destacaram-se Pedro Pereira António do Porto e Fernando Mendes Henriques. A onda migratória durou até ao fim do século XVIII, dirigindo-se para Madrasta assim como Calcutá e Surat.

Quanto ao judaísmo indiano em si, este divide-se em três grupos principais: os *Bene Israel*, ou seja, os Filhos de Israel, de língua Marathi; os judeus do sudoeste, também notos como os Judeus de Cochim; e os judeus originários ou descendentes de Judeus originários de Adém, do Afeganistão, de Bagdade e do Irão hodierno, comumente denominados judeus bagdadianos donde os primeiros contingentes de imigrantes judeus chegaram às costas indianas durante a primeira década do século XIX. Comunidades de judeus bagdadianos encontram-se em Bombaim, Calcutá e Poona. Dos três grupos judaicos do sub-contidente indiano, os Bagdadianos são aqueles que menos se assimilaram à cultura e às línguas indianas e, ao mesmo tempo, aqueles que menos se identificam com o judaísmo indiano.

Apesar de ser os mais indianizados entre os judeus indianos, os *Bene Israel* traçam a sua origem a alguns membros das Dez Tribos Perdidas de Israel, daí o seu nome: filhos de Israel. O Antigo Testamento assim relata a história em questão: «O rei de Assíria levou os filhos de Israel cativos para a Assíria, instalou-os em Hala, nas margens do Habor, rio Gozan, e nas cidades da Média»<sup>19</sup>.

Alguns dos deportados judeus acabaram por se assimilar à população local, esta última composta por um mosaico de etnias e grupos raciais, como, por exemplo, ou-

<sup>18</sup> A *British East India Company* monopolizou o comércio entre a metrópole londrina e a Índia. No século XVIII a companhia adquiriu plenos poderes administrativos de quase todo o sub-contidente indiano. Em 1784 William Pitt tornou a Índia numa possessão colonial.

<sup>19</sup> 2 Reis 18,11. A Média era uma antiga região situada no noroeste do actual Irão assim como em partes do Azerbaijão, do Curdistão Oriental e do Iraque-Adjemi. Por volta do 550 antes da Era Vulgar a Média foi conquistada pelos Persas, porém guardando a sua autonomia cultural. Depois do interlúdio selúcida e parto, a Média foi também conquistada pelos sassânidas (c. 226 antes da Era Vulgar). Com o advento do Islão, em 626 a Média foi finalmente conquistada pelas forças árabo-muçulmanas, perdendo, assim, a sua fisionomia étnico-cultural.

tras tribos semitas, Indo-europeus de estirpe iraniana, grega, eslava, assim como indivíduos pertencentes aos seguintes ceptos étnico-linguístico-raciais: dravídico, fino-úgrico e túrquico-mongólico. Outros desterrados, ao invés, conseguiram guardar a sua cultura e fé, acabando por se finalmente fundir com as comunidades judaicas locais. A teoria de que alguns destes exilados judeus tivessem tido a oportunidade e os meios de (e)migrar da Assíria para outros lugares, longínquos assim como perto do seu epicentro, é ainda um ponto de discussão entre muitos estudiosos. Isolados, quer do mundo gentio, quer do resto das comunidades judaicas espalhadas pelo orbe, estas Dez Tribos Perdidas, assim se achava durante a Idade Média, possuíam os próprios reinos com as próprias tropas. Em muitos casos, dizia-se que quatro destas Dez Tribos Perdidas eram localizadas além do Sara, nomeadamente na África Oriental. Eldad ha-Dani — um judeu originário da Península Arábica, muito provavelmente de Adém, ou até da África Oriental, a viver durante o século IX da Era Vulgar —, dizia de ser um representante duma das Dez Tribos Perdidas de Israel, a de Daniel. Zemah Gaon, líder da comunidade israelita de Sura, na Babilónia, interpelado pela comunidade de Kairawan sobre a exactidão de tais eventos, acreditou na veracidade de quase todos os relatos contados por Eldad ha-Dani, também noto como Eldad o Danaita. Segundo este viajante, as Dez Tribos Perdidas eram distribuídas pela África Oriental, pela Península Arábica, pela Pérsia e pela Khazária, esta última a significar o vasto território ao norte da Ásia Central, nomeadamente, a terra dos Kazaques<sup>20</sup>. A tribo de Daniel, por exemplo, deixara a Palestina antes do exílio imposto pelos Assírios em 721 antes da Era Vulgar e, depois de os filhos de Daniel terem passado pelo Egipto, finalmente chegaram à África Oriental. Eldad ha-Dani menciona um rio, o Sambatyon, também noto à *Aggadah*<sup>21</sup>, o qual durante seis dias é muito turbulento mas ao sábado é muito calmo. Aquando da destruição do Templo de Jerusalém a tribo de Daniel foi assim salva pelo Sambatyon, levando-a à salvação. Desde então eles cresceram em virtude e felicidade, prosperando política, religiosa assim como economicamente:

*They had an independent state in East Africa beyond the Sambation river – a torrent which during the week carried masses of sand and rubble with such terrific force that it could crush an iron mountain, but which rested on the Sabbath. His people [...] were brave warriors; they had multiplied exceedingly and enjoyed great wealth. When not busy with warfare, they occupied themselves with the study of the Bible.*<sup>22</sup>

Um outro viajante, I.J. Benjamin II, depois de ter passado oito anos a deambular entre a Ásia e a África também menciona, *en passant*, as Dez Tribos Perdidas de Israel, especulando sobre os seus possíveis lugares de residência:

<sup>20</sup> De estirpe túrquica-mongólica ou talvez fino-úgrica, no século XVIII os Kazaques acabaram por fazer parte do Império Russo. A partir do século VI da Era Vulgar o reino dos Kazaques ocupava um território entre a Europa e a Ásia, em particular entre o Cáucaso, o Rio Volga e o Rio Dom. Por volta do ano 740 ou talvez em 786, o Rei Bulan e muitos dos seus súbditos, entre os quais se encontravam quatro mil nobres, converteram-se ao Judaísmo. Até 965, ano em que o Império dos Kazaques foi destruído, o Judaísmo era uma das condições para sucederem à coroa kazaca.

<sup>21</sup> A *Aggadah*, com o significado primitivo de narração, é a parte não legal do Talmude que contém: ditados com uma forte componente ética, crenças folclóricas, homilias, máximas e parábolas.

<sup>22</sup> Schifra Strizower. *Exotic Jewish Communities*. Londres: Thomas Yoseloff, 1962. 50. Veja-se também: Menahem Mansoor. *Jewish History and Thought: An Introduction*. Hoboken, N.J.: Ktav, 1991. 214-215.



*I had often heard of the ten tribes of Israel, who were said to have been banished to a dark, mountainous country, which was never comforted by the rays of the sun, or trodden by the foot of a stranger. It was said that they had their own government, and that under their own kings they rigidly adhered in these distant and unknown regions to the worship of Israel in the promised land. They were reputed to lead a strange life [...]*<sup>23</sup>

A genealogia dos *Bene Israel*, então, segundo as próprias contagens históricas, res-sai a este período causado das deportações assírias. Contudo, os *Bene Israel* traçam a sua linhagem ao ramo que escapou à grande deportação de 721 antes da Era Vulgar. Segundo os *Bene Israel* só os altos funcionários e os membros da alta classe judaica foram deportados, o resto da população, ao invés, ficou livre de permanecer *in situ*. Dada a constante ameaça de perseguições e outras invasões por povos hostis aos Judeus, os antepassados dos *Bene Israel* decidiram, assim, (e)migrar para terras onde ninguém os pudesse atribular.

Segundo Haeem Samuel Kehimkar, os *Bene Israel* — também alcunhados de *Shanwar Telis*, ou seja, os homens do óleo do sábado, por causa do seu repouso semanal na produção oleira, da qual eram os absolutos senhores — seriam os descendentes dos Judeus que naufragaram ao longo da Costa Concani há um pouco mais de dois mil anos quando, em 175 antes da Era Vulgar, escaparam às perseguições do rei selêucida Antiócio Epifânio IV (c. 215-c. 164 antes da Era Vulgar) no antigo reino de Israel<sup>24</sup>. O naufrágio causou a morte de quase todos os tripulantes e a perda de todos os seus bens, inclusivamente dos textos sagrados e dos objectos religiosos que teriam levado consigo. Só sete casais conseguiram salvar-se; os seus descendentes, então, serão os *Bene Israel*: um povo judaico criado completamente sem contacto com as demais comunidades judaicas da Diáspora, condição que manteve até à chegada dos Europeus no fim do século XV e no começo do século XVI, nomeadamente: os Portugueses, os Holandeses, os Franceses e os Ingleses. Contudo, será com a presença inglesa durante o século XVII que os *Bene Israel* começarão a ter contactos com o resto do Judaísmo e a familiarizar-se com ritos religiosos e costumes judaicos que perderam ou que desconheciam, por causa de terem deixado Jerusalém em 175 antes da Era Vulgar, como, por exemplo, a festa das luzes — isto é, o *Hánuca* — e os quatro jejuns nacionais.

Durante este longo período de isolamento os judeus indianos, sobretudo os *Bene Israel*, perderam o conhecimento da língua hebraica assim como o de muitos dos rituais religiosos, ambos acontecimentos ligados à perda total dos livros sagrados, escritos em Hebraico. Contudo, eles guardaram o dia do descanso, algumas das leis dietéticas e, obviamente, a circuncisão. Entre as preces decoradas que conseguiram transmitir através dos séculos encontra-se o *Shemah* (com o sentido literário de ouvir), ou seja a confissão de fé, repetida em qualquer ocasião a celebrar o ciclo humano, do nascimento à morte. Alguns estudiosos, ao invés, ainda duvidam a veracidade de tais acontecimentos, aduzindo como prova o facto de que os *Bene Israel*, por exemplo, não praticavam nenhum rito judaico que já se cumprisse antes da sua (e)migração de 175 antes da Era Vulgar<sup>25</sup>.

<sup>23</sup> I.J. Benjamin II. *Eight Years in Asia and Africa; from 1846-1855*. Hanover, 1863. 266-267.

<sup>24</sup> A política de Antiócio IV provocou a conquista do Egipto e a sublevação dos Macabeus em Jerusalém. Para mais informações, veja-se o filme/documentário de Johanna L. Spector. *The Shanwar Telis: Or, Bene Israel*. Nova Iorque: Jewish Media Service, 1979. Para a referência a Haeem Samuel Kehimkar, veja-se: *The History of the Bene Israel of India*. Telavive: Dayag Press, 1937. 10; 12.

<sup>25</sup> Schifra Strizower. *Exotic Jewish Communities*, 54-55.

Dado o número reduzido de judeus a residirem em solo indiano, muitos destes desterrados israelitas, quer por escolha pessoal, quer por motivos de força maior, acabaram por casar-se com mulheres não judias, ou seja, com mulheres gentias de etnia indiana. Obviamente fazia-se o possível para que isto não acontecesse, visto que tudo era preferível ao estabelecer liames de parentesco com gentios e estrangeiros. Além disso, a sociedade hindu, dividida em castas/classes sociais bem definidas, também não aceitava uniões familiares com membros de outras classes sociais, e isto incluía Judeus, Cristãos e Muçulmanos, estes últimos sendo os mais numerosos entre os não-Hindus: «Jews [Muçulmanos] and Christians also in India often form castes or bodies analogous to castes». Tal sistema permitia, por sua vez, que qualquer «community, be it racial social, occupational or religious, can be fitted as a co-operating part of the social whole, while retaining its own distinctive character and its separate individual life»<sup>26</sup>.

Em geral, a sociedade indiana divide as pessoas em castas. Entre os muitos critérios envolvidos nesta repartição encontram-se: liames de parentesco, historicidade e rituais, entre estes últimos, a ausência ou o privilégio de possuir a exclusividade dos mesmos. Entre os *Bene Israel*, ao invés, papel proeminente é dado à pureza de sangue semita, ou seja, hebraico. Seguem, em ordem decrescente, a ocupação/profissão e o grau de religiosidade<sup>27</sup>.

Junto com os muitos muçulmanos e os poucos cristãos a residirem em solo indiano, os Hindus, então, consideravam os Judeus como se fossem membros de outras tantas castas indianas e não adeptos de seitas religiosas autóctones. É natural, então, que cristãos, judeus e muçulmanos indianos, por sua vez, acabaram por aceitar ou até interiorizar tal imposição/classificação sócio-religiosa:

*Christians [Judeus] and Muslims were regarded as castes, too, and they accepted such a status. [...] The main body of Hindus regarded these sects [ou seja, confissões religiosas não Hindu] as castes and not as sects.*<sup>28</sup>

Durante muitos séculos muitos membros dos *Bene Israel* encontraram-se a fazer assim parte da casta dos *Shanwar Teli* e explicavam isto não segundo leis hindus, de óbvio cunho predestinacionista, mas antes, pelo simples facto de serem descendentes de náufragos judeus. Com o passar do tempo, alguns *Bene Israel* conseguiram desvincular-se deste «estigma» — associando-se, assim, às castas mais baixas hindus ou até aos Párias, ou seja, os indivíduos sem casta, privados de todos os direitos religiosos ou sociais —, e, finalmente, subir na escala social indiana. Alguns deles foram para o sector agrícola enquanto outros até chegaram a ser altos dignitários e funcionários civis ou também médicos e professores<sup>29</sup>.

Os *Bene Israel*, por sua vez, dividem-se em *Gora*, ou seja, aqueles de cor branca — que remontam a sua origem aos descendentes originários dos sete casais naufragados, mesmo se não faltam também entre eles indivíduos cuja epiderme mostre uma feição mais parda, a traír uma união com mulheres indígenas ou, segundo a lenda popular,

<sup>26</sup> J.H. Hutton. *Caste in India*. Londres, 1951. 2, 115.

<sup>27</sup> Veja-se, entre outros: Robert S. Newman. «Caste and the Indian Jews» *Indian Journal of Sociology* 3 1-2 3-9 (1972): 35-54.

<sup>28</sup> M.N. Srinivas. *Religion and Society among the Coorgs of South India*. Oxónia, 1952. 31.

<sup>29</sup> M. Ezekiel. *History and Culture of the Bene Israel in India*. Bombaim, 1948. 26-27.

devido à extrema pobreza na qual alguns deles tenham caído ou até por causa do excessivo calor do sítio —, e em *Kala*, quer dizer, aqueles de pele escura, estes últimos obviamente uma mistura dos *Gora* com mulheres indianas autóctones. Infelizmente a distinção de cor e/ou de classe social/casta fez de maneira que durante os séculos surgissem muitíssimos episódios de intolerância e discriminação: mesmo se alguns *Kara* tivessem uma pigmentação mais clara do que alguns *Gora* de pele escura. Duma maneira geral, pode-se especular que os *Kara* sejam o resultado de um cruzamento mais recente com as populações autóctones, daí a escuridão da sua epiderme. As restrições de contacto entre os dois sub-grupos dos *Bene Israel* incluíam os liames de parentesco assim como qualquer tipo de contacto diário, inclusivamente religioso. Apesar de compartilharem com o lugar de culto, os *Gora* eram sempre servidos antes do que os *Kara*, sobretudo durante as funções do sábado e dos dias de festas. Resulta óbvio, então, que a divisão de classe indiana, baseada no sistema de casta hindu, tenha entrado a fazer parte do *modus vivendi et operandi* dos *Bene Israel* e, mormente, tenha sido absorvida em todos os sectores da vida, do económico-social ao político-religioso:

*Like Hindu castes, Gora and Kala were conceived of as existing in different degrees of spiritual dignity. Gora, believed to be of pure blood, were exalted, while Kala bore the stigma of their descent. Moreover, the restrictions on social relations between Gora and Kara resembled the restrictions on social relations between Hindu castes.*<sup>30</sup>

As funções de rabino e de juiz eram conferidas ao *kaji* e, como no resto do Judaísmo, esta profissão era hereditária.<sup>31</sup> Quanto à origem do estabelecimento do *kaji*, a tradição atribui-a a David Ezekiel Rahabi, muito provavelmente um judeu de origem árabe que deveria ter chegado à Índia há pouco mais de mil ou quinhentos anos. Segundo algumas lendas David Ezekiel Rahabi teria instruído estes judeus remotos a conformar-se, ou seja, a adaptar-se de novo ao judaísmo ortodoxo e teria escolhido três discípulos, já dentro das leis judaicas, Jhiratkar, Rajpurkar e Shapurkar. Segundo outras tradições ao invés, estas últimas baseadas em documentos encontrados em Cochim, David Ezekiel Rahabi II (1694-1771) teria sido um membro da comunidade judaica desta cidade e, enquanto ao serviço da Companhia Holandesa das Índias Orientais (1602-1798), na dupla qualidade de mercador e diplomata, teria feito uma viagem à costa ocidental indiana<sup>32</sup>. A sua sabedoria e a sua honestidade precediam-no:

*Some Scholars have paid tribute to him not only for his integrity but also as a lover of Science and Astronomy. He had contact not only with all the European powers that were then in India but had friendly transactions with the Muslims, Parsis, Hinudus and others.*<sup>33</sup>

<sup>30</sup>Schifra Strizower. *Exotic Jewish Communities*, 60-61.

<sup>31</sup>De óbvia origem árabe, *qadi*, com o significado originário de juiz, a palavra *kaji* poderia ser uma relíquia da passagem por terras árabes ou por territórios com fortes presenças árabo-muçulamanas dos *Bene Israel* antes da chegada à Índia.

<sup>32</sup>A família Rahabi teria chegado à Índia de Alepo, no Norte da actual Síria, no começo da segunda metade do século XVII para depois se fixar em Cochim onde em breve tempo se tornou numa das famílias judias mais importantes desta cidade.

<sup>33</sup>S.S. Koder. *History of the Jews of Kerala*, 7.

Nesta área David Ezekiel Rahabi II teria encontrado os *Bene Israel* e, vista a ausência ou a falta parcial de alguns dos preceitos fundamentais, alinhou-os ao judaísmo normativo<sup>34</sup>. A presença de Rahabi entre os *Bene Israel* estaria assim a contradizer aquilo que estes últimos sempre mantiveram, ou seja: isolamento completo do resto do mundo judaico, inclusivamente de comunidades israelitas residentes em solo indiano, como no caso das de Cochim. A visita do *Kaji* Rahabi seria então uma excepção neste longo período de isolamento, ou pelo menos assim declaram alguns membros dos *Bene Israel* para reconciliarem lendas com factos históricos. Além disso, também possuímos os relatos de viagens de Claudius Buchanan os quais, entre os demais assuntos, nos informam que:

*The Black Jews [de Cochim] communicated to me much interesting intelligence concerning their brethren the ancient Israelites in the East [...] They recounted the names of many other small colonies resident in northern India, Tartary, and China, and gave me a written list of sixty-five places. [...] The Jews have a never-ceasing communication with each other in the East. [...] men move much about in a commercial capacity; and the same individual will pass through many extensive countries. So that when anything interesting to the nation of the Jews takes place, the rumour will pass rapidly throughout Asia.*<sup>35</sup>

Isto significaria que, contrariamente àquilo que os *Bene Israel* incessantemente mantiveram, sempre existiu uma rede de comunicação entre estes últimos e as demais comunidades israelitas espalhadas pela Ásia. Além disso, alguns vestígios sepulcrais atestam ao facto de que os *Bene Israel*, ou pelo menos, uma parte deles, ainda dominava a língua hebraica e que, durante a visita do *Kaji* Rahabi, quando este último lhes ensinou a língua sagrada, fê-lo em hebraico sem recorrer ao uso de qualquer outro idioma: «He taught Hebrew reading and writing without translation.»<sup>36</sup> Durante o século XVIII alguns *Bene Israel* transferiram-se para Bombaim onde em pouco tempo conseguiram obter uma boa reputação no sector político assim como no artesanal, em especial: militares ao serviço da coroa britânica e carpinteiros de primeira qualidade, invejados pela destreza e pelo material usado, ambos ímpares.<sup>37</sup>

Quanto às origens da comunidade judaica em Cochim muitas são as teorias e as lendas em torno da sua origem, antiguidade e directa ou indirecta descendência com as antigas tribos israelitas pré e pós Diásporas. Entre as mais famosas encontramos: liames comerciais e subsequentes estabelecimentos de colónias judaicas ao tempo do Rei Salomão (c. 970-c. 933 antes da Era Vulgar); descendentes da diáspora assira provocada em 721 antes da Era Vulgar pelo rei assírio Sargão II (c. 772-705); descendentes da diáspora babilónica do rei Nabucodonosor II (605-562);<sup>38</sup> presenças ao longo da Costa do Malabar já nos primeiros dois séculos da Era Vulgar de judeus originários da Palestina, inclusivamente o encontro de São Tomé com as comunidades judaicas de Cranganore; descendentes de setenta ou até oitenta mil Sefarditas maiorquinos cap-

<sup>34</sup> Veja-se: Samuel Kehimkar. *The History of the Bene Israel of India*, 41.

<sup>35</sup> Claudius Buchanan. *Christian Researches in Asia*. 4<sup>a</sup> ed. Londres, 1811. 225.

<sup>36</sup> Samuel Kehimkar. *The History of the Bene Israel of India*, 41.

<sup>37</sup> Vejam-se: M. Ezekiel. *History and Culture of the Bene Israel in India*, 50-51; Samuel Kehimkar. *The History of the Bene Israel of India*, 78, 218.

<sup>38</sup> Em 587 antes da Era Vulgar, o rei de Babilónia e dos Caldeus, Nabucodonosor II (605-562) destruiu Jerusalém, dando assim origem à (primeira) Diáspora do Povo de Israel.

turados pelo Imperador Tito Flávio Vespasiano (79-81) logo depois da destruição do Segundo Templo de Jerusalém (70 da Era Vulgar).

Os próprios Judeus de Cochim acreditam que os seus antepassados chegaram à costa do Malabar como consequência da Diáspora do ano 70 da Era Vulgar. Depois de muitas deambulações, este pequeno grupo de dez mil *diaspóricos* recebeu protecção e autorização pelo Rajá Bhaskara Ravi Varma para estabelecerem-se em solo indiano, muitos deles escolhendo Cranganore como seu amparo. Quanto à historicidade destes acontecimentos, podemos constatar que entre o século VI — assinaladamente, de 750 até 774 —, e o século XI, nomeadamente em 1020, os Judeus de Cochim receberam do rajá o *Sasanam*, ou seja, uma carta régia composta de duas folhas, devidamente esculpadas em cobre, para tomar posse do Principado de Anjuvannam. Joseph Rabban — cuja família era originária da Península Arábica, muito provavelmente o lémen de hoje, ou, segundo às lendas, descendia do bíblico Efraim, filho de José e neto de Jacob —, teve a honra de receber o beneplácito. A magnanimidade do monarca é testemunha da grande consideração que ele tinha para com o Povo de Israel:

*This grant is eloquent testimony to the esteem in which the native ruler held the Jews. Not only he gave them a site as close as possible to his own residence and deeded the land tax free in perpetuity, but he permitted the synagogue to be built at the head of the street, not thirty yards from his private temple, so that the adoration of Siva is heard in the synagogues and prayers to God of Israel echo through the palace compound.*<sup>39</sup>

Muitas são as controvérsias a respeito da data exacta deste alvará. Contudo, os Judeus de Cochim fazem-na remontar aos primeiros anos de residência em solo indiano, ou seja, logo depois da Diáspora do ano 70<sup>40</sup>.

Benjamim de Tudela, durante as suas famosas viagens pelo mundo de então (1160-1173), também visitara os Judeus na Costa do Malabar, constatando à sua adesão às leis mosaicas e, em medida menor, ao seu conhecimento do Talmude e da *Halakhah*<sup>41</sup>. Um século mais tarde, nomeadamente a partir de 1291, um outro mercador, o italiano Marco Polo (1254-1324) também falará das comunidades cristãs<sup>42</sup> e judaicas residentes na Costa do Malabar, no actual estado de Kerala: «Medieval travellers mention Cyniglin (Cranganore) Flandarina or Pandarani Maravel, a suburb of mount Delly or Elimala of Malayalam writers as the early Jewish settlements in Kerala»<sup>43</sup>.

A mudança de residência entre Cranganore e Cochim é explicada por razões de guerras fratricidas, sucedidas em 1471, baseando-se nas lutas de sucessão ao poder do

<sup>39</sup>David G. Mandelbaum. «The Jewish Way of Life in Cohin.» *Jewish Social Studies* 1 10 (1939): 423-460. 430.

<sup>40</sup>Vejam-se: David G. Mandelbaum. «The Jewish Way of Life in Cohin.» *Jewish Social Studies* 1 10 (1939): 423-460. 425, 430; Louis I. Rabinowitz. *Jewish Merchant Adventurers*. Londres, 1948. 58.

<sup>41</sup>Originário da homónima cidade espanhola, em 1160, o mercador Benjamim da Tudela começou a sua viagem à procura de praças comerciais remotas assim como de outros tantos lugares longínquos onde se pudessem encontrar os seus correligionários, inclusivamente a Palestina. Além da Itália e da Grécia, Benjamim visitou a Síria, Bagdade, o Egipto, a Arábia, a Pérsia, a Índia, Sri Lanka, assim como alguns territórios hoje parte da China. Com o significado primitivo de Lei, a *Halakhah* designa qualquer parte legal do Talmude e/ou de qualquer outro tipo de literatura pós-talmúdica. O seu oposto é a *Aggadah*, ou seja, a parte não legal. O *Midrash*, ao invés, é a exposição, isto é, uma colecção de interpretações homiléticas das Sagradas Escrituras compostas por rabinos eminentes. A exposição é meticulosa, feita verso por verso assim de explicar a essência dos textos nas suas acepções particulares e universais

<sup>42</sup>Ou seja, os Cristãos de São Tomé, principalmente de rito nestoriano e jacobita.

<sup>43</sup>S.S. Koder. *History of the Jews of Kerala*, 5.

Principado de Anjuvannam, assim como geo-económicas acontecidas mais de um século antes, nomeadamente: o declino do porto de Cranganore causado pela famosa inundação de 1341, e a consequente importância dada ao recém-formado porto de Cochim.

Durante as perseguições inquisitoriais portuguesas Cochim tornou-se de facto num verdadeiro refúgio para todos os Judeus e, dada a protecção oferecida pelo Rajá, em breve «there were so many Jews in the kingdom of Cochin that the Raja was called the king of the Jews.»<sup>44</sup>

Em 1661 os Judeus de Cochim aliaram-se às forças holandesas no assédio à cidade. Infelizmente, dada a derrota, os Judeus foram punidos e muito severamente: os quartéis judaicos de Cochim foram postos a ferro e fogo e a população foi constringida a retirar-se para a zona alta da cidade. Contudo, com a reconquista holandesa de 1663 os Judeus de Cochim retomaram o seu lugar proeminente no seio da comunidade indiana assim como aquela neerlandesa:

*When the Dutch drove out the Portuguese, they brought in an era of well-being for the colony, which paralleled that of the Cranganore Jews some six hundred years before.*<sup>45</sup>

Os Holandeses permaneceram em Cochim até ao 1795. Durante mais de um século, então, a Igreja Protestante Holandesa protegeu os interesses económicos da metrópole neerlandesa, isto implicava a protecção de grupos minoritários étnicos, linguísticos e religiosos como os Judeus, quer Sefarditas quer de origem indiana. Apesar de servir como intermediários económicos entre a Holanda e o sub-continente indiano, os Judeus Indianos também começaram a estabelecer contactos religiosos-culturais com os seus correligionários *diaspóricos*, ou seja, os desterrados sefarditas em Holanda assim como no Novo Mundo:

*It was during the Dutch period [1663-1795] that contact between Cochin Jewry and the communities in Holland and New York started. Special prayer and hymn books according to the rites of the Cochin Jews were printed in Amsterdam by Athias and Proops. The Bible and other holy works destroyed by the Portuguese were replaced by the Sephardic community of Amsterdam.*<sup>46</sup>

Em 1686 Moisés Pereira de Paiva foi de facto enviado à Índia para examinar de perto a questão judaica em Cochim<sup>47</sup>. Os Judeus de Cochim, por sua vez, dividem-se em três subgrupos endogâmicos: os *Paradesi* (Judeus Brancos), os *Malabari* (Judeus Pretos, originários da Costa do Malabar) e os *Meshuararim* (Hebraico por alforriados, subtil eufemismo por Judeus «Castanhos»), estes últimos sendo a progénie de libertos fruto de uniões dos Judeus de Cochim com escravas e/ou concubinas indianas, com origem nos *Paradesi* e nos *Malabari*. Segundo outras teorias, ao invés, os *Meshuararim*

<sup>44</sup> David G. Mandelbaum. «The Jewish Way of Life in Cochin.» *Jewish Social Studies* 1 10 (1939): 423-460. 430.

<sup>45</sup> David G. Mandelbaum. «The Jewish Way of Life in Cochin.» *Jewish Social Studies* 1 10 (1939): 423-460. 439.

<sup>46</sup> S.S. Koder. «The Jews of Malabar.» *India and Israel* 5 (1951).

<sup>47</sup> Veja-se: Moisés Pereira de Paiva. *Noticias dos Judeos de Cochim*. Amesterdão. 1686.

seriam os descendentes de libertos sem qualquer liame de parentesco com os Judeus, mas antes, que durante a sua escravidão ou concubinado teriam abraçado o Judaísmo. Quanto ao conceito de casta e, portanto, de nobreza na hierarquia indiana, os Judeus de Cochim conferem grande importância à pureza de sangue, assinaladamente, ter uma alta percentagem de sangue hebraico, poder contar num grande passado histórico em solo indiano e, por fim, manter um elevado nível de adesão aos preceitos religiosos mosaicos, factor, este, essencial para definir, em si, os níveis de pureza ou corrupção ritual, ambos fundamentais na cultura indiana de cunho hindu.<sup>48</sup>

Em si os Judeus de Cochim possuem características sócio-religiosas não encontradas nas demais comunidades das Diásporas, na Índia assim como no resto do mundo. A estratificação em castas sociais acompanha aquela existente na sociedade indiana de adesão hindu. Por dentro da divisão de castas hindu, os Judeus de Cochim, por exemplo, encontram-se numa posição de relevo. Os Judeus de Bombaim e os *Bene Israel*, ao invés, estão situados em lugares inferiores.<sup>49</sup>

Os *Bene Israel*, os Judeus de Cochim e os Judeus de Bagdade constituíam, assim, as comunidades judaicas em Índia antes da chegada dos Europeus, nomeadamente: os Portugueses, os Holandeses, os Franceses e os Ingleses. Os *Bene Israel* concentravam-se em Bombaim e seus arredores. Mesmo se completamente isolados do resto do mundo judaico, os Judeus Indianos observavam as leis mosaicas, como o dia de descanso durante o sábado, a circuncisão e as leis que regulavam a alimentação. Obviamente não faltavam influências do Hinduísmo e — sincretismo, aliás, que nasceu em todos os lugares onde os Judeus se estabeleceram — de crenças e tradições populares, de cunho local. As suas principais ocupações eram a indústria do óleo de coco, a agricultura, o comércio e o artesanato em pequena escala. Os judeus bagdadianos, o terceiro grupo de judeus indianos, são indivíduos que pela grande maioria podem traçar as suas origens ao Médio Oriente de língua e cultura árabe, persa e/ou túrquica.<sup>50</sup> Muitos deles chegaram em solo indiano durante o fim do século XVIII. Outras comunidades de judeus bagdadianos encontram-se na Birmânia, em Singapura e ao longo da costa chinesa do Mar do Sul da China. Por serem os mais recentes na longa história migratória dos Judeus das Diásporas são aqueles que menos se sentem ligados ao Judaísmo de cunho indiano, por esta razão falta-lhes um legado cultural indígena, autóctone e, ao mesmo tempo, judeu-indiano. Isto, junto com a sua notória fama de serem muito seculares e por falarem o Judeu-Árabe, explica a total desestimação por parte de ambos os *Bene Israel* e os Judeus de Cochim, os quais, apesar da sua forte indianização, esforçam-se por praticarem o Judaísmo, com o qual se identificam mais. Hoje as comunidades judaicas indianas encontram-se numa verdadeira encruzilhada: manter a própria identidade religioso-cultural ao custo de uma sempre crescente marginalização por parte do resto da sociedade hindu.

Apesar dos sentimentos antijudaicos da Coroa e, mormente, de muitos membros da Inquisição Portuguesa, a sociedade portuguesa e luso-indiana, ou seja, os residentes no seu quotidiano, têm sempre tido uma boa predisposição perante o elemento

<sup>48</sup> Veja-se, entre outros: Robert S. Newman. «Caste and the Indian Jews.» *Indian Journal of Sociology* 3 1-2 3-9 (1972): 35-54.

<sup>49</sup> Veja-se, entre outros: Robert S. Newman. «Caste and the Indian Jews.» *Eastern Anthropologist* 28 3 7-9 (1975): 195-213.

<sup>50</sup> Veja-se, entre outros: Paul Wexler. «Notes on the Iraqi Judaeo-Arabic of Eastern Asia.» *Journal of Semitic Studies* 28 8 (1983): 337-354.

judaico indiano. Eles perceberam que estes últimos tinham contribuído à formação da cultura e da sociedade indiana e sem eles não se poderia ter formado uma classe comerciante com redes de negócios a unir não só o sudeste asiático mas também o resto da Ásia e África muçulmanas assim como a Europa e no Novo Mundo.

---

## Bibliografia

---

- ABRAHAM, Isaac S. *Origin and History of the Calcutta Jews*. Calcutá, 1969.
- ABRAHAM, Margaret. «Ethnicity and Marginality: A Study of Indian Jewish Immigrants in Israel.» *South Asian Bulletin* 15 1 (1995): 108-123.
- \_\_\_\_\_. «From India to Israel: A Sociological Analysis of Migration Factors among Indian Jews.» *Population Review* 39 1-2 1-12 (1995): 74-87.
- \_\_\_\_\_. «Ethnic Identity and Marginality among Indian Jews in Contemporary India.» *Ethnic Groups* 9 1 (1991): 33-60.
- \_\_\_\_\_. «The Normative and the Factual: An Analysis of Emigration Factors among the Jews of India.» *Jewish Journal of Sociology* 33 1 6 (1991): 5-19.
- \_\_\_\_\_. *Ethnic Identity and Marginality: A Study of the Jews of India*. Diss. Syracuse University. Ann Arbor: UMI, 1989.
- ADLER, E.N. *Auto de Fé and Jew*. 1908.
- ALLEN, H. Godbey. *The Lost Tribes: A Myth*. Charlotte: Duke University Press, 1930.
- ALPHER, Joseph, ed. *Encyclopedia of Jewish History*. Nova Iorque: Facts on File, 1986.
- ALVES, José Celso de Castro. «Rupture and Continuity in Colonial Discourses: The Racialized Representations of Portuguese Goa in the Sixteenth and Seventeenth Centuries.» *Portuguese Studies* 16 (2000): 147-161.
- BAIÃO, A. *A Inquisição em Portugal e no Brasil*. 1923.
- \_\_\_\_\_. *Episódios dramáticos da Inquisição Portuguesa*. 3 vols. 1919-1937.
- \_\_\_\_\_. *A Inquisição de Goa*. 2 vols. 1930.
- BARBOSA, António. «Astronomia e Cartografia náutica portuguesa durante os Descobrimentos.» *Anais da Academia de História Portuguesa* 9 (1945-1946): 173-190.
- BARON, S.W. *A Social and Religious History of the Jews*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1937.
- BENJAMIN, I.J., II. *Eight Years in Asia and Africa; from 1846-1855*. Hanover, 1863.
- BEN-ZVI, Itzhak. *The Exiled and the Redeemed*. Londres, 1958.
- BHENDE, Asha A e Ralph E. DHIRAD. *Demographic and Socio-Economic Characteristics of Jews of India*. Mumbai: Organization for Educational Resources and Technological Training, 1997.
- BRAUDEL, Fernand, ed. *Além-mar: Códice Casanatense 1889 com o Livro do Oriente de Duarte Barbosa*. Lisboa: Bertrand Editora, 1987.
- BUCHANAN, Claudius. *Christian Researches in Asia*. 4<sup>a</sup> ed. Londres, 1811.
- CASTELLÓ, Elena Romero e Uriel Macías KAPÓN. *The Jews and Europe. 2,000 Years of History*. 1994. Edison, N.J.: Chartwell Books, 2000.
- CHESTER, Lucy P. «The Mapping of Empire: French and British Cartographies of India in the Late-Eighteenth Century.» *Portuguese Studies* 16 (2000): 256-275.



- Cochin Synagogue Quatercentenary Celebrations. December 15, 16, 17, 18 & 19, 1968.* Kerala: Kerala History Association and the Cochin Synagogue Quatercentenary Celebration Committee, Cochin 11, 1968.
- CORREIA-AFONSO, John, ed. *Indo-Portuguese History. Sources & Problems.* Bombaim: Oxford University Press, 1981.
- DANDEKAR, B.B. *Bene Israel Tales.* Lawrence, KA: A.B. Literature House. [1991].
- DANIEL, Ruby e Barbara C. JOHNSON. *Ruby of Cochin. An Indian Jewish Woman Remembers.* Filadélfia: Jewish Publication Society, 1995.
- ELAZAR, Daniel J. *The Other Jews. The Sephardim Today.* Nova Iorque: Basic Books, 1989.
- ELIAS, Flower e Judith ELIAS COOPER. *The Jews of Calcutta.* Calcutá, 1974.
- EZEKIEL, Moses. *History and Culture of the Bene Israel in India.* Bombaim, 1948.
- EZRA, Esmond David. *Turning Back the Pages. A Chronicle of Calcutta Jewry.* Londres: Brookside Press, 1986.
- FERREIRA, J.V. «The Bene Israel of India: Some Studies.» *Indian Journal of Social Work* 46 1 (1985): 135-136.
- FISCHEL, Walter Joseph. «Garcia de Orta: A Militant Marrano in Portuguese-India in the 16<sup>th</sup> Century.» in Salo Wittmayer Baron. *Jerusalém: American Academy for Jewish Research*, 1975. 407-432.
- \_\_\_\_\_, ed. *Unknown Jews in Unknown Lands: The Travels of Rabbi David D'Beth Hillel (1824-1832).* Nova Iorque, 1973.
- \_\_\_\_\_. «Bombay in Jewish History in the Light of New Documents from the Indian Archives,» in *Proceedings of the American Academy for Jewish Research* 38-39 (1972): 19-44.
- \_\_\_\_\_. «Cochin,» in *Encyclopaedia Judaica.* 16 vols. Jerusalém: Keter, 1972. 5: 621-628.
- \_\_\_\_\_. «India,» in *Encyclopaedia Judaica.* 16 vols. Jerusalém: Keter, 1972. 8: 1349-1357.
- \_\_\_\_\_. *The Literary Activities of the «Bene» Israel in India.* [Nova Iorque: Jewish Book Council of America, 1971-1972].
- \_\_\_\_\_. «The Contribution of the Cochin Jews to South Indian and Jewish Civilization,» in Velayudhan, P.S., ed. *Cochin Synagogue Quatercentenary Celebrations, December 1968.* Kerala: Kerala History Association and Cochin Synagogue, 1971. 15-64.
- \_\_\_\_\_. «The Immigration of Arabian Jews to India in the Eighteenth Century,» in *Proceedings of the American Academy for Jewish Research* 33 (1965): 1-20.
- \_\_\_\_\_. «The Exploration of the Jewish Antiquities of Cochin on the Malabar Coast.» *American Oriental Society Journal* 87 3 (1967).
- \_\_\_\_\_. «Hitherto Unknown Jewish Traveler to India: The Travels of Rabbi David d'Beth Hillel to India (1828-1832),» in *In the Time of Harvest. Essays in Honor of Abba Hillel Silver.* Nova Iorque: Macmillan, 1963. 170-185.
- \_\_\_\_\_. «Cochin in Jewish History.» *Proceedings of the American Academy for Jewish Research* 30 (1962).
- \_\_\_\_\_. «Mulla Ibrahim Nathan (1816-1868): Jewish Agent of the British during the First Anglo-Afghan War.» *Hebrew Union College Annual* 29 (1958): 331-375.
- \_\_\_\_\_. «David D'Beth Hillel: An Unknown Traveller to the Middle-East and India in the 19<sup>th</sup> Century.» *Oriens* 10 2 (1957).
- \_\_\_\_\_. «Jews and Judaism at the Court of the Mughal Emperors in Medieval India.» *Proceedings of the American Academy for Jewish Research* 18 (1949).
- FREEDMAN, M., ed. *A Minority in Britain.* Londres, 1955.

- GALE, Naomi. «A Case of Double Rejection: The Immigration of Sephardim to Australia.» *New Community* 20 2 1 (1994): 269-286.
- GELLER, Jay Howard. «Towards a New Imperialism in Eighteenth-Century India: Dupleix, La Bourdonnais, and the French Compagnie des Indes.» *Portuguese Studies* 16 (2000): 256-275.
- GOLDBERG, Ellen S. e Nathan Katz. «Leaving Mother India: Reasons for the Cochin Jews' Emigration to Israel.» *Population Review* 39 1-2 1-12 (1995): 35-53.
- GOTTLIEB, Paul. «India. Contemporary Period,» in *Encyclopaedia Judaica*. 16 vols. Jerusalém: Keter, 1972. 8: 1357-1359.
- GOULD, Lark Ellen. «Jewish Masala: The Diverse Customs and Communities of the Dwindling Jews of India.» *B'Nai B'Rith International Jewish Monthly* 107 (1993): 8-9.
- GOURGEY, Percy S. «Indian Jews and the Indian Freedom Struggle.» *Population Review* 39 1-2 1-12 (1995): 88-94.
- GREENLEE, William Brook. *The Voyage of Pedro Álvares Cabral to Brazil and India*. 1938. Nova Deli: Asian Education Services, 1995.
- GUSSIN, Carl Mark. *The Bene Israel of India: Politics, Religion, and Systematic Change*. Diss. Syracuse U 1972. Ann Arbor: UMI, 1990.
- GUY, Cynthia. *The Bene Israel Indian Community of Midbarit, Israel*. Diss. University of Chicago. Ann Arbor: UMI, 1984.
- HEREDIA, Rudolf C. «Studies of Indian Jewish Identity.» *Contributions to Indian Sociology New Series* 33 1-2 1-8 (1999): 466-467.
- HUTTON, J. H. *Caste in India*. Londres, 1951.
- INDIA. Bene Israel. *The Bene Israel Annual and Year Book*. 25<sup>th</sup> Sept. 1919 to 12 Sept. 1920. Rebecca Reuben, ed. Juagadh, 1920.
- ISENBERG, Shirley Berry. «Indian Jewry in India and in Israel: A Brief Introduction.» *Population Review* 39 1-2 1-12 (1995): 54-65.
- \_\_\_\_\_. *India's Bene Israel: A Complimentary Inquiry and Sourcebook*. Berkeley: Judah L. Magnes Memorial Museum, 1988.
- ISRAEL, Benjamin J. *The Bene Israel of India: Some Studies*. Bombay: Orient Longman, 1984.
- \_\_\_\_\_. *The Jews of India*. Nova Deli: Centre for Jewish and Inter-Faith Studies, Jewish Welfare Association, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Religious Evolution Among the Bene Israel of India Since 1750*. Bombay, 1963.
- IYER, L.K.A.K. *The Cochin Castes and Tribes*. Londres, 1912.
- JOHNSON, Barbara G. *Our Community in two Worlds. The Cochin Pardesi Jews in India and Israel*. Diss. University of Massachusetts. Ann Arbor: UMI, 1985.
- KATZ, Nathan. *Who are the Jews of India?* Berkeley: University of California Press, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Studies on Indian Jewish Identity*. Nova Deli: Monohar, 1995.
- \_\_\_\_\_. «Contacts Between Jewish and Indo-Tibetan Civilizations Through the Ages.» *Judaism* 43 1 (1994): 46-60.
- KATZ, Nathan e Ellen S. Goldberg. *The Last Jews of Cochin. Jewish Identity in Hindu India*. Columbia: University of South Carolina Press, 1993.
- KEAY, John. *India: A History*. Nova Iorque: Atlantic Monthly Press, 2000.
- KEHIMKAR, Haeem Samuel. *The History of the Bene Israel of India*. Telavive: Dayag Press, 1937.
- KODER, S. S. *History of the Jews of Kerala*. Cohin, 1974.
- \_\_\_\_\_. «The Jews of Malabar.» *India and Israel* 5 (1951).

- KRAMER, Barry. «The Birth of Israel has been the Doom of India's Jew Town.» *Wall Street Journal* 26 de Abril de 1978. 1.
- LASKIER, Michael M. «A Note on Present-Day Sephardi and Oriental Jewry.» *Jewish Journal of Sociology* 35 2 12 (1993): 135-140.
- LEA, Henry Charles. *A History of the Inquisition in Spain*. 3 vols. Nova Iorque: Harper, 1888.
- \_\_\_\_\_. *The Inquisition in the Spanish Dependencies. Sicily, Naples, Sardinia, Milan, The Canaries, Mexico, Peru, New Granada*. New York: Macmillan, 1908.
- LEASURE, J. William. «The Last Jews of Cochin Jewish Identity in Hindu India.» *Population Review* 39 1-2 1-12 (1995): 120-122.
- LEVI, Joseph Abraham. «A mulher sefardita das diásporas ibéricas: ponte entre culturas.» *Faces de Eva* 9 (2003): 35-58.
- \_\_\_\_\_. «A Diáspora Sefardita nas Américas durante os séculos XVII-XVIII.» *Cadernos de Estudos Sefarditas, Lisboa, Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste», Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras* 1 (2001): 27-63; 133-158.
- \_\_\_\_\_. «*La ienti de Sion: Linguistic and Cultural Legacy of an Early 13<sup>th</sup>-Century Judeo-Italian Kinah.*» *Italica* 1 75 (1998): 1-21.
- LIPINER, Elias. «The Heirs of R Abraham Zacuth and their Indian Activity in the Court of Manoel,» in *Proceedings of the 9<sup>th</sup> World Congress of Jewish Studies, Jerusalem, August 4-12, 1985*. Jerusalém: World Union of Jewish Studies, 1986. 147-152.
- LORD, Henry L. *Jews in India and the Far East*. Kolhapur, 1907.
- MACFARLANE, Eileen W.E. «The Racial Affinities of the Jews of Cochin.» *Journal of the Royal Asiatic Society of Bengal* 3 (1937).
- MALEKAR, Ezekiel Isaac. «The Jewish Community in India and their Personal Law.» *Religion and Society* 38 3 (1991): 48-63.
- MANDELBAUM, David G. «Social Stratification among the Jews of Cochin in India and in Israel.» *Jewish Journal of Sociology* 17 2 12 (1975): 165-210.
- \_\_\_\_\_. «The Jewish Way of Life in Cochin.» *Jewish Social Studies* 1 10 (1939): 423-460.
- MANSO, Maria de Deus Beites. «A mulher indiana nas cartas dos Jesuítas,» in *O rosto feminino da Expansão Portuguesa*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1994. 701-704.
- MARCUS, Rader. *Early American Jewry. 1955-1961*. 2 vols. Nova Iorque: Ktav, 1975.
- MASLIYAH, Sadok. «The Bene Israel and the Baghdadis: Two Indian Communities in Conflict.» *Judaism* 43 (1994): 279-293.
- MILES, Bill. «Jews in Paradise.» *Transition* 8 1 (1999): 58-68.
- MOHAMED KOYA, C.H. «A Unique Event in History: [Jewish Settlement in India],» in Velayudhan, P.S., ed. *Cochin Synagogue Quatercentenary Celebrations, December 1968*. Kerala: Kerala History Association and Cochin Synagogue, 1971. 205-209.
- MUSLEAH, Ezekiel N. *On the Banks of the Ganga – The Sojourn of Jews in Calcutta*. North Quincy, MA: Christopher, 1975.
- NESS, Brenda Joseph. *The Children of Jacob: The Bene Israel of Maharashtra*. Diss. University of California, Los Angeles, 1996. Ann Arbor: UMI, 1996.
- NEWMAN, Robert S. «Caste and the Indian Jews.» *Eastern Anthropologist* 28 3 7-9 (1975): 195-213.
- \_\_\_\_\_. «Caste and the Indian Jews.» *Indian Journal of Sociology* 3 1-2 (1972): 35-54.
- PAIVA, Moisés Pereira de. *Noticias dos Judeos de Cochim*. Amesterdão, 1686.
- PATAL, Raphael. *Tents of Jacob. The Diaspora Yesterday and Today*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice Hall, 1971.

- PEARSON, Michael N. *Port Cities and Intruders. The Swahili Coast, India, and Portugal in the Early Modern Era*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1998.
- PUTHIAKUMNEL, Thomas. «Jewish Colonies of India Paved the Way for St. Thomas,» in *The Malabar Church*. Roma: Pont. Institutum Orientalium Studiorum, 1970. 187-191.
- RABINOWITZ, Louis I. «A Note on the Origin of the Jews of Cochin.» *Jewish Quarterly Review* 48 (1957-1958): 376-379.
- \_\_\_\_\_. *Far East Mission*. Joanesburgo, 1952.
- \_\_\_\_\_. *Jewish Merchant Adventurers*. Londres, 1948.
- REDFORD, Donald B. «Observations on the Sojourn of the Bene-Israel,» in *Exodus. The Egyptian Evidence*, Ernest S. Frerichs e Leonard H. Lesko, eds. Winona Lake, Ind.: Eisenbrauns, 1997. 57-66.
- REISSNER, H.G. «Indian-Jewish Statistics 1837-1941.» *Jewish Social Studies* 12 (1950): 349-366.
- ROLAND, Joan G. «Adaptation and Identity Among Second-Generation Indian Jews in Israel.» *Jewish Journal of Sociology* 6 (1995).
- \_\_\_\_\_. «The Bene Israel in Israel: An Overview.» *Population Review* 39 1-2 1-12 (1995): 66-73.
- \_\_\_\_\_. *The Jewish Communities of India: Identity in a Colonial Era*. New Brunswick, NJ: Transaction, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Jews in British India. Identity in a Colonial Era*. Hanover: UP of New England, 1989.
- \_\_\_\_\_. «The Jews of India: Communal Survival or the End of a Sojourn?» *Jewish Social Studies* 42 (1980): 75-90.
- SACHAR, Howard M. *Diaspora. An Inquiry into the Contemporary Jewish World*. Nova Iorque: Harper and Row, 1985.
- SAMUEL, Shellim. *Treatise on the Origin and Early History of the Beni Israel of Maharashtra State*. Bombaim, 1975.
- SARNA, Jonathan D. e Karla Goldman. «From Synagogue-Community to Citadel of reform: the History of K K Bene Israel (Rockdale Temple) in Cincinnati, Ohio,» in *American Congregations*. James P. Wind e James W. Lewis, eds. vol. 1. Chicago: University of Chicago Press, 1994. 159-220.
- SASSOON, David S. *History of the Jews of Baghdad*. Lechworth, 1949.
- SEGAL, J.B. *A History of the Jews of Cochin*. Portland, OR: Valentine Mitchell, 1993.
- SLATER, Matthew D. «Jews of Cochin.» *Judaism* 24 (1975): 482-494.
- SMYTHE, H.H. e T. Gershuny. «Jewish Castes of Cochin, India.» *Sociology and Social Research* 41 (1956).
- SPECTOR, Johanna. *The Shanwar Telis: Or, Bene Israel*. 1978. Nova Iorque: Jewish Media Services, 1979. [filme]
- \_\_\_\_\_. «Jewish Song from Cochin, India,» in *Proceedings of the 5<sup>th</sup> World Congress of Jewish Studies*. vol. 4. Jerusalém: World Union of Jewish Studies, 1973. 245-265.
- SRINIVAS, M.N. *Religion and Society among the Coorgs of South India*. Oxónia, 1952.
- STEHLY, R. «Un citation des Upanishads dans Joseph et Aseneth.» *Revue d'Histoire et de Philosophie Religieuses* 55 2 (1975): 209-213.
- STILLMAN, Yedida e Norman A. Stillman, eds. *From Iberia to Diaspora. Studies in Sephardic History and Culture*. Leiden: Brill, 1999.
- \_\_\_\_\_. *New Horizons in Sephardic Studies*. Nova Iorque: State University of New York Press, 1993.
- STRIZOWER, Schifra. «The Bene Israel and the Jewish People,» in *Salo Wittmayer Baron*. Jerusalém: American Academy for Jewish Research, 1975. 859-886.

- \_\_\_\_\_. *The Bene Israel of Bombay. A Study of a Jewish Community*. Nova Iorque: Schocken Books, 1971.
- \_\_\_\_\_. «The Bene Israel in Israel.» *Middle Eastern Studies* 2 (1966): 123-143.
- \_\_\_\_\_. *Exotic Jewish Communities*. Londres: Thomas Yoseloff, 1962.
- \_\_\_\_\_. «Jews as an Indian Caste.» *Jewish Journal of Sociology* 1 (1959): 44-48.
- STUDNICKI-GIZBERT, Daviken. «Companies, Mercantilism, and the Development of Seventeenth-Century Overseas Commerce.» *Portuguese Studies* 16 (2000): 175-192.
- TAVIM, José Alberto Rodrigues da Silva. «Uma presença portuguesa em torno da «sinagoga nova» de Cochim.» *Oceanos. Diáspora e Expansão. Os Judeus e os Descobrimentos Portugueses* 29 (January-March 1997): 108-117.
- THURSTON, Edgar. *Castes and Tribes of Southern India*. Madrastra, 1909.
- TIMBERG, Thomas A., ed. *Jews of India*. Sahibabad: Vikas, 1986.
- TRIVELLATO, Francesca. «From Livorno to Goa and Back: Merchant Network and the Coral-Diamond Trade in the Early-Eighteenth Century.» *Portuguese Studies* 16 (2000): 193-217.
- UNGAR, Andre. «Jewish Footprints in India.» *Worldview* 21 3 (1978): 41-43.
- VAINSTEIN, J. «The Jews of India.» *Zion* 2 26 3-4 (1951): 17-22.
- VARGHESE, E.A. «Alien Creeds in Malabar.» *Asia* 32 (1932).
- VELAYUDHAN, P.S., ed. *Cochin Synagogue Quatercentenary Celebrations, December 1968*. Kerala: Kerala History Association and Cochin Synagogue, 1971.
- VELLA, Stephen. «Imagining Empire: Company, Crown, and Bengal in the Formation of British Imperial Ideology, 1757-84.» *Portuguese Studies* 16 (2000): 276-297.
- VELLIAN, Jacob. «Jewish Christian Community of India.» *Judaism* 20 (1971): 104-107.
- VENTURA, Maria da Graça A. Mateus. «Cristãos-novos portugueses nas Índias de Castela: dos negócios aos cárceres da Inquisição. (1590-1639).» *Oceanos. Diáspora e Expansão. Os Judeus e os Descobrimentos Portugueses* 29 (January-March 1997): 93-105.
- WEIL, Shalva. *Bene Israel Indian Jews in Lod, Israel. A Study of the Persistence of Ethnicity, and Ethnic Identity*. Diss. University of Sussex. 1977.
- \_\_\_\_\_. «Names and Identity among the Bene Israel.» *Ethnic Groups* 1 3 (1977): 201-219.
- WESTER, Nils. «Bene Israel - a Jewish Community in India,» in *South Asian Religion and Society*, Asko Parpola e Bent Smidt Hansen, eds. Londres: Curzon Press, 1986. 205-222.
- WEXLER, Paul. «Notes on the Iraqi Judaeo-Arabic of Eastern Asia: [Singapore; India; China].» *Journal of Semitic Studies* 28 (1983): 337-354.
- WHEELER, Douglas L. *The Empire Time Forgot: Writing a History of the Portuguese Overseas Empire, 1808-1975. (Pós-Colonialismo e Identidade)*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1998.
- WILSON, Johnson. «The Bene-Israel of Bombay.» *The Indian Antiquary* 3 (1874).
- \_\_\_\_\_. *The Bene Israel of Bombay: An Appeal for their Christian Education*. Bombaim, 1852.
- YEHUDI, Adv. Prem Doss e Swami Doss. *The Shingly Hebrews*. Kerala: Sachethana, 1989.